

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DE UMA CARTOGRAFIA AUTOBIOGRÁFICA

RONALDO CAMPELLO¹; **URSULA ROSA DA SILVA²**

¹ Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL 1 – ronaldo.campello@hotmail.com

² Centro de Artes Universidade Federal de Pelotas - UFPEL – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Escrever possui afinidade, parentesco, uma semelhança, um avizinhar-se com movimentos... Escrever é mover-se. É como areia no deserto bailando/perseguindo o vento. Uma escrita não se concluiu, ela deixa rastros/pistas, pegadas a serem seguidas por si próprio ou outros. E, é neste viés de pensamento que se busca pesquisar no Programa de Pós-graduação [Mestrado] em Artes Visuais da UFPEL sobre este assunto. *Processos de formação docente a partir de uma de cartografia autobiográfica* é o título ainda em construção, mas que neste momento da conta de expressar o que se pretende pesquisar neste trabalho, que busca articular uma escrita cartográfica, que pensa os processos de formação de um professor-pesquisador-poeta-andarilho que tem no uso das palavras instrumentos para vir a ser... Esta em devir. E deste modo por sua docência em xeque. O cotidiano em jogo na docência, a docência como jogo do cotidiano. Desarraigar-se de conceitos já enraizados, olhar o abismo, e deixar que ele olhe você. “entender do que pode ser feita uma possível estética de si docente: um diferir-se permanentemente do que se é, um modo artista de constituir-se LOPONTE (2010).

Escrever surge de agenciamentos, desejos de tecer textos, teias, tecidos, tramar, traír, transformar pensamento em ideia, dar corpo ao que é incorpóreo, corporificar o que faz furos na pele, desenhar, mostrar, dar a ver o que cartografarmos, rizomaticamente nas regiões ainda por vir. É energizar a criatividade. Escrever é encontro: interno e intenso é devir, sempre por se fazer DELEUZE, (1992). Escrever é desconstrução que ocorre de maneira singular, construção que se faz de forma sutil, nos reconstruindo com mais experiências, é movimento que revela pistas, deixa rastros/pegadas pelos quais se esgueiram desejos. Escrever é criar, ligar pontos, pontas, pedaços, platôs por onde flanamos a espreita resistindo aos modelos padronizantes tradicionais. O pensar é questão intrínseca/encrinhada no ato de promover as primeiras linhas ao se produzir uma escrita

2. METODOLOGIA

Mors omnia solvit ab imo pectore em uma tradução poética significa: *a morte dissolve tudo do fundo do peito*. Usando como metáfora para ajudar a pensar esta proposta de pesquisa, a morte ou o fim, é plataforma para algo ainda maior [ou não], deste modo, este trabalho que visa empreender esforços no mestrado em Artes Visuais da UFPEL surge de um palimpsesto que tem seu cerne no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL campus Pelotas – RS no ano de 2014. “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”, ganha força em 2015, e se constitui em pesquisa, toma outro nome, enquanto é realizada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET, “Cartas para ler e escrever: Cartografando uma prática de ensino”. Tais

projetos são ungidos a partir de minha docência em uma escola técnica estadual no bairro Fragata nesta cidade.

Tal pesquisa buscou a partir de meu objeto de pesquisa, cartas pessoais; cartografar encontros, acontecimentos, a partir de práticas de escrita e leitura de um grupo de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental desta escola onde este grupo se correspondeu com outros, também estudantes de um quinto ano de uma escola rural no interior do município de Piratini – RS, tal movimento se constituiu ao longo de um ano específico, 2015. “A correspondência é também um exercício pessoal, ao escrever lemos o que escrevemos, [...] é uma maneira de se manifestar para si e para o outro”, (ORRÚ e ANDRADE, 2009).

Em 2014, tinha como proposta inicial amenizar as dificuldades de escrita e leitura dos estudantes que chegam ao quinto desta referida escola, em 2015 se vai além, e, se cartografa os encontros destes grupos distintos de alunos.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFPEL o ato de escrita me põe em movimentos de ida e volta, tanto em sua escrita quanto leitura, e aqui faço cartografia, e penso os processos de subjetivação docente que me colocam em movimento, e dos quais busco a partir do uso da escrita me construir, *desconstruir* e *reconstruir*, sempre estando em outros lugares, sempre estando em devir...

Ao buscar respostas para tentar amenizar as dificuldades deste grupo de alunos, percebo que minha docência se afeta, portanto, ademais, penso sobre formação quando me ponho a escrever sobre tal processo e os atravessamentos que foram produzidos em mim a partir da execução desta prática que tomo como ensino, escrita de cartas. Uma resistência, uma prática menor de ensino. Uma prática de ensino como sugestão de educação-menor¹ que trago à minha sala de aula em um projeto de ensino, um dispositivo, que tem como proposta de atividade: os estudantes escreverem sobre si, uma forma de escrita menor, transgressiva, a partir de a escrita epistolar. A literatura menor é um conceito estético criado por Deleuze e Guattari, onde: “o ‘menor’ já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande - ou estabelecida” DELEUZE; GUATTARI, (2014).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De nada serve escrever se esta escrita não fortalece não desconstrói para uma nova construção, de nada serve se ela não desterritorializa. “Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro” HAESBAERT et al, (2015). Há de existir uma identidade que se desconstrua, que não seja fixa, que se afete por aquilo que nos passe, por aquilo que a escrita de si proporcione. A desterritorialização a partir do pensamento cartográfico consiste conforme IANNI (1996) em “[...] o sujeito do conhecimento não permanecer no mesmo lugar, deixando que seu olhar flutue por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários”, e partindo deste pensamento e do processo de composição desta nova-antiga pesquisa que deix[ou]a fraturas expostas, deix[ou]a perguntas sem respostas das quais as sigo perseguindo tal como poeira perseguindo o vento. Ando por

¹ Conceito que Sílvio Gallo ‘desloca’ da obra de Deleuze & Guattari, *Kafka – por uma literatura menor*, para operar como dispositivo para pensarmos a educação, sobretudo aquela que praticamos no Brasil em nossos dias. Sílvio Gallo (2002, p.169).

caminhos que não são mais os mesmos, pois mesmo que se volte por um mesmo caminho inúmeras vezes ele sempre será novo, pois sempre existirão novos cheiros, novas paisagens que deixamos escapar, sempre existiram novas texturas, pois uma escapou...

4. CONCLUSÕES

Portanto, tratar de problematizar o ato de escrever novamente é cartografar, é pôr-me em movimento, pois escrever me afeta, se me afeta faço cartografia, e ao querer saber sobre... problematizando minha docência antes de tudo, penso em formação, faço formação. É como os poemas que componho que nunca estão acabados, são rascunhos, de rascunhos de algo que esta por vir, algo que esta para chegar e não chega, são as reticências que uso, sempre a espreita, sempre buscando querer dizer algo que ainda não ganhou verbo, que ainda não rompeu as naves escuras do pensamento e absorveu luz. Minhas reticências são andarilhas assim como sou, um andarilho “formado nas problematizações do mundo, nos desvios, nos lapsos, ali onde algo escapa ou onde não encontramos o que ansiamos encontrar” POZZANA, (2014).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução Luiz B. L. Orlandi. -1. Ed.; 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Filô/Margens, 4)

GALLO, S. **Em torno de uma educação menor. Educação e realidade.** 27(2): 169-178. jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/25926/15194>> acessado em 09/08/16.

HAESBAERT, R. BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari.** Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ApuUgDq4s4J:www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/74/72+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 10/06/15.

IANNI, O. **Teorias da globalização** – 3ª edição – Editora Civilização Brasileira. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0Qv4XjSCIhMJ:ucbweb.castelobranco.br/webcaf/arquivos/12896/7869/DESTERRITORIALIZACAO_Oni_presenca_na_Ciranda_Global.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br > acessado em 30/08/2015.

LOPONTE, G. L. **Nós, metamorfoses estéticas e educação. In Ensino de arte e (des)territórios pedagógicos.** Mirela Ribeiro Meira / Ursula Rosa da Silva [org] IAD/Projeto Arte na Escola. – Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.

ORRÚ, Carla Maria dos Santos Ferraz. ANDRADE, Marieta Benedita de Paula. **15º SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA APLICADA.** A escrita de si e o caráter revelador da escrita em textos não verbais. 2009. (Seminário). Disponível em: http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_oraais/artigocarla_maria_marieta_benedita.pdf acessado em 22/09/15.

POZZANA, L. **A formação do cartógrafo é o mundo: Corporificação e afetabilidade.** In *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* / organizado por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco – Porto Alegre: Sulina, 2014. 310 p. (2).